



Revista Eletrônica de Filosofia
Philosophy Eletronic Journal
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 17, nº. 1, janeiro-junho, 2020, p.1-16
DOI: 10.23925/1809-8428.2020v17i1p1-16

PRÁXIS E AÇÃO SOLIDÁRIA EM GADAMER

José Wilson Rodrigues de Brito

Professor no Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Piauí
nosliwbrito@hotmail.com

Resumo: A relevância deste estudo surge frente à necessidade de uma melhor compreensão da contribuição da filosofia hermenêutica gadameriana enquanto dimensão política que direciona para uma visão democrática. Esta tem como centralidade embasar uma alternativa de solidariedade compartilhada nas sociedades contemporâneas. Neste sentido, a partir da obra gadameriana, *Verdade e Método* (1960), este estudo tem como objetivo mostrar que a filosofia da *práxis* de Gadamer é portadora de elementos que nos movem à ação solidária enquanto pertencentes a comunidades políticas. Elementos estes que perpassam os conceitos hermenêuticos de *pertença*, *aplicação*, *fusão de horizontes* e *diálogo*, conduzindo a uma *práxis* solidária na comunidade política a que nos convida a razão.

Palavras-Chave: Gadamer. Hermenêutica. Solidariedade compartilhada.

PRAXIS AND SOLIDARY ACTION IN GADAMER

Abstract: *The relevance of this study arises from the need for a better understanding of the contribution of Gadamerian hermeneutic philosophy as a political dimension that leads to a democratic vision. This center is based on an alternative of shared solidarity in contemporary societies. In this sense, from the Gadamerian work, Truth and Method (1960), this study aims to show that Gadamer's philosophy of praxis is a carrier of elements that move us to solidarity action while belonging to political communities. These elements permeate the hermeneutical concepts of belonging, application, merging horizons and dialogue, leading to a solidary praxis in the political community to which reason invites us.*

Keywords: *Gadamer. Hermeneutics. Shared solidarity.*

* * *

Considerações iniciais

A partir de uma abordagem da hermenêutica gadameriana apontando para uma dimensão política nas sociedades democráticas atuais, cabe analisarmos os principais elementos da filosofia da *práxis* que norteiam a discussão a respeito da ação solidária, uma vez que Gadamer (2002) faz a seguinte questão, no que

concerne à vivência dos compromissos na comunidade: “O que é a filosofia prática? Como podem a teoria e a reflexão dirigir-se para o âmbito da práxis, visto que esta não tolera nenhum distanciamento, mas pelo contrário, exige o engajamento?”¹. Assim, nosso hermenêuta busca elencar em sua filosofia prática a questão dos compromissos que são pertinentes a cada cidadão, bem como a necessidade que existe desta relação entre os indivíduos na formação daquilo que seja comum a todos. Aqui pode ser elencado que pelo diálogo existe a possibilidade de se assumir os compromissos frente ao outro.

A hermenêutica de Gadamer tem implicada em si a dimensão da prática como traço fundamental de sua reflexão a respeito do compreender, tendo como principal ênfase a tentativa da explicação sobre os acontecimentos nas esferas simultâneas da compreensão, aplicação e da interpretação. Conceitos estes que são embasados em uma reabilitação da *práxis* aristotélica, que Gadamer chegou a iniciar após leituras relacionadas com a obra *Ética a Nicômaco*, do pensador estagirita e sua interpretação por Heidegger. Neste sentido, pode ser afirmado que tais conceitos lançam luzes à vida humana enquanto forma de direcionar as atitudes ou ações práticas em uma visão ética, tal como proposta pelo filósofo Aristóteles em sua *tertia* sobre a *phronesis*.

Podemos perceber a elevada importância da reabilitação de Aristóteles feita por Gadamer, trazendo para a atualidade as discussões relacionadas ao verdadeiro sentido da vida humana em conjunto, tendo em vista a prática do saber e fazer humanos, de modo que se tornem aspectos decisivos para o ser humano em suas escolhas relacionadas especificamente ao bem comum.

Sabendo-se que a hermenêutica também lida com os mais diferentes âmbitos da vida humana, conseqüentemente ela acarreta a si a reflexão sobre os mais diferentes campos da vida prática do ser humano. Daí a constatação de que o saber prático, como menciona Batista (2007), “não é identificado como algo vinculado à produção de conhecimento científico, mas como um saber que é, essencialmente, pressuposto em todo viver humano em seu modo mais elementar de ‘ser-no-mundo-com-os-outros’”², naquilo que lhe é fundamental.

Frente a isto, este artigo tratará das questões acima relacionadas numa visão de que a *práxis* é fundamentada através de conceitos principais na hermenêutica de Gadamer, tais como de pertença, aplicação, fusão de horizontes e diálogo. Desta maneira, será possível perceber nestes conceitos um direcionamento da *práxis* hermenêutica para uma perspectiva que tenha a ação solidária como aspecto essencial da discussão geral deste trabalho enquanto dimensão política da hermenêutica de Gadamer. Isto tendo em vista que a filosofia prática tem a possibilidade de nos auxiliar neste restabelecimento do espaço comum, nesta constante vivência dialógica e pertença histórica.

1. A *pertença* como mediação entre hermenêutica e a razão prática

Gadamer, em seu texto *O círculo hermenêutico e o problema dos preconceitos*, na obra *Verdade e Método* (1960), argumenta a respeito da elevada importância que há na noção de preconceitos, sendo estes pertencentes a todo o

¹ GADAMER, 2002, p. 32.

² BATISTA, 2007, p. 60.

aparato histórico em que se inserem os indivíduos, de modo que não podem deixar de serem considerados nas mais diferentes situações a eles colocadas.

Cabe observar que a discussão a respeito da validade dos preconceitos se dá no que tange à problemática da autoridade e da razão, tão discutida principalmente a partir da visão que o Iluminismo acabou fixando, de que deveria haver um verdadeiro combate aos preconceitos por parte da razão, assim como embate entre preconceito e autoridade. A razão sendo representada pelo avanço do pensamento iluminista e a autoridade representada pela dimensão do crivo metódico da razão enquanto fonte indubitável de conhecimento e sua validação. Deste modo, a razão iluminista defendia, a partir de Descartes e culminando com Kant, em que deveriam ser válidos apenas conhecimentos pautados criteriosamente no uso de regras infalíveis de compreensão da realidade. Entretanto, como Gadamer (2008) ressalta em suas próprias palavras,

[...] as grandes realidades históricas, sociedade e estado, são sempre, na verdade, determinantes prévios de toda 'vivência'. (...) Na realidade, não é a história que pertence a nós, mas nós é que a ela pertencemos. Muito antes de que nós compreendamos a nós mesmos na reflexão, já estamos nos compreendendo de uma maneira auto-evidente na família, na sociedade e no Estado em que vivemos. A lente da subjetividade é um espelho deformante. A auto-reflexão do indivíduo não é mais uma centelha na corrente cerrada da vida histórica. Por isso os preconceitos de um indivíduo são, muito mais que seus juízos, a realidade histórica de seu ser.³

A partir do que Gadamer argumenta acima, fica clara a compreensão de que em sua hermenêutica filosófica se tem um resgate da própria visão histórica na qual estão inseridos os seres humanos, uma vez que, enquanto partícipes de uma coletividade são, conseqüentemente lançados em todo um aparato histórico do qual não se pode eximir. Todas as instituições existentes ao nosso redor fazem parte previamente de nossas vidas enquanto seres de relações situadas na vida em sociedade. Neste sentido, já nos compreendemos desde a primeira instituição com a qual temos contato, a família, de modo que esta compreensão se estende às demais através daquilo que nos constitui historicamente, ou seja, pelos preconceitos que nos identificam como seres de uma dada comunidade com seus valores, crenças e costumes.

É possível notar a questão da pertença, ou seja, a noção na qual os seres humanos não podem negar que estão inseridos em um contexto histórico-cultural e sócio-político, tendo em vista que somos entes históricos, de maneira a nos encontrarmos “sempre em tradições, e esse nosso estar dentro delas não é um comportamento objetivador”⁴, mas um reconhecer-se nas mesmas. A experiência autêntica da história se dá nesta consciência de que estamos inseridos sempre na própria história. Com isto, na visão gadameriana “estamos a cada momento na

³ GADAMER, 2008, p. 415-416.

⁴ GADAMER, 2008, p. 423.

possibilidade de compreender-nos com isso que nos chega e se transmite desde o passado”⁵.

Aponta-se, então, para a relevância de que os seres humanos não podem de nenhuma maneira se negar como pertencentes a uma dada história, uma vez que são portadores de uma consciência que tem como base toda uma gama de fatores que antecedem sua própria existência, bem como influenciam no seu modo de existir no mundo. Este pertencer historicamente a uma tradição – entendida “como o que tem validade sem fundamentação, ou seja, independentemente das deliberações da razão, a tradição continua atuando”⁶ pode ser tomado como uma verdade, tendo em vista que não é possível deixar de lado esta pertença, observando que, para Gadamer (2002), “o passado não existe primariamente na recordação, mas no esquecimento. Este é, com efeito, o modo de pertença do passado à existência humana. Graças ao passado possuir essa natureza de esquecido, podemos reter e recordar algo”⁷, que pode, então, ser transmitido através da linguagem própria de toda compreensão.

Quanto a isto, cabe ressaltar que a linguagem tem seu papel central enquanto possibilitadora de ser sempre, além de auxiliar nas interpretações históricas, esta responsável por desenvolver a função de transmissão dos acontecimentos mais diversos das coisas passadas mediadas pelo diálogo. Neste sentido, Gadamer (2002) considera “a linguagem como o modo de mediação no qual se realiza a continuidade da história de todas as distâncias e descontinuidades”⁸, de modo que cumpre sua tarefa primordial na transmissão e tradição a partir da consciência humana.

Nesta busca constante por entendimentos entre os pertencentes a uma dada tradição que tem todo um arcabouço de aparato histórico, pode ser notado que os preconceitos, em seus aspectos positivos, ou seja, enquanto bases que proporcionam abertura dos seres humanos ao mundo, são percebidos através de algumas características. Assim, nas palavras de Gadamer (2002), em seu texto *Problemas da razão prática* (1980),

O partilhar uma crença e decisões comuns em intercâmbio com os semelhantes e em convivência na sociedade e no estado não é, pois, conformismo. Constitui a dignidade do ser-próprio e da autocompreensão humanas. A pessoa que não é associal acolhe sempre o outro e aceita o intercâmbio com ele e a construção de um mundo comum de convenções⁹.

Partindo desta citação gadameriana é notório que a convivência humana dentro de uma coletividade tem como pauta primordial o compartilhamento de aspectos comuns, bem como as decisões e valores direcionados para o bem estar de todos os partícipes, se tornando ponto chave da *práxis* hermenêutica.

⁵ GADAMER, 2002, p. 170.

⁶ WU, 2004, p. 178-179.

⁷ GADAMER, 2002, p. 172.

⁸ GADAMER, 2002, p. 171.

⁹ GADAMER, 2002, p. 377.

Isto mostra ainda que Gadamer dá um enfoque à questão da auto-compreensão humana sendo possível sua visibilidade a partir desta vida comunitária, ou seja, nesta pertença de valores cultivados em comum existe a capacidade de existência de uma autêntica construção de vida e mundo comum. Neste sentido, tendo como exemplo a formulação e permanência de convenções que sirvam como diretrizes sob as quais se tenha minimamente uma harmonia social conservada.

Aqui vemos a importância do estabelecimento de determinadas regras comuns que estão pautadas no acontecer histórico da própria convivência entre os diferentes que se tornam suscetíveis a uma tomada de decisões em que sejam consideradas as visões comuns a respeito de certas situações ou mesmo circunstâncias proeminentes da convivência entre os seres humanos. Desta maneira, Gadamer realça que estes acordos comuns acontecem amparados não em princípios tomados como transcendentais, ou mesmo verticalizados, como sendo de forma abstrata em que atomiza o ser humano, mas sim, a partir da própria dimensão histórica nas quais as identidades dos indivíduos e sua alteridade são validadas no acordo da vida em comum. Deste modo, é importante destacar que “a verdade da consciência histórica parece alcançar sua perfeição quando percebe o devir no passar e o passar no devir e quando extrai do fluir incessante das transformações a continuidade de um nexu histórico”¹⁰, aqui tendo em vista o bem comum.

O bem aqui destacado está direcionado para as demandas práticas, ou seja, do contexto social e histórico dos indivíduos em sua convivência. Neste sentido, Gadamer comunga com a ideia de bem em que Aristóteles se volta ao plano das relações intersubjetivas nesta pretensão de agir nas situações concretas do cotidiano. Então, diferentemente da visão socrático-platônica de relação entre virtude e conhecimento, como se fossem suficiente à prática do bem, a postura gadameriana pautada em Aristóteles leva em conta que se deve conhecer anteriormente mas para que seja atualizada a noção da prática de bem. Como visto na noção de *phronesis*, no agir prudentemente frente à tomada de decisões as ações devem ter como objetivo principal a promoção do bem comum, ou seja, que afete a todos os membros da comunidade. Como observado no capítulo anterior.

Pode-se notar, então, que a pertença se mostra um conceito de real importância no contexto da discussão a respeito desta intermediação entre hermenêutica e razão prática, pois devem ser considerados os elementos que compõem cada uma das situações particulares nas quais estejam envolvidos os agentes morais. Como afirma ainda Duque-Estrada (2000), “caso não se leve em conta a pertença a própria situação em que ele mesmo se encontra, o conhecimento realizado neste domínio da experiência prática não passará de uma mera abstracção e sua universalidade não será mais do que uma simples generalidade vazia”¹¹, uma vez que não haverá a consideração do contexto histórico e social de aplicabilidade das ações voltadas à convivência em comum.

Percebe-se, então, que a pertença, enquanto mediação entre hermenêutica e a razão prática se mostra como um conceito de considerável importância na filosofia de Gadamer, pois perpassa a dimensão dos preconceitos positivos, da tradição e da história efetual frente à discussão da validade das experiências históricas no

¹⁰ GADAMER, 2002, p. 162.

¹¹ DUQUE-ESTRADA, 2000, p. 511.

conhecer hermenêutico. Gadamer menciona a necessidade de sempre serem consideradas as experiências que não sejam necessariamente validadas pelos métodos tais como os das ciências da natureza, e um exemplo é o da validade da tradição histórica à qual somos pertencentes de alguma maneira.

Até mesmo o cientista, no caso aqui, o pesquisador, está imbuído de certos aspectos que traz consigo devido ao contexto no qual está inserido e do qual tenha sido participante. Como elenca Portocarrero Silva (1995) “as consequências da consideração da historicidade do existir, objecto da reflexão gadameriana remetem para a problemática da autoridade, da tradição, e da legitimidade do preconceito. No fundo só a dimensão dialógica, pré-conceptual e intersubjectiva da experiência permite a abertura fundamental a novas experiências”¹². De modo a notar a dimensão do diálogo, bem como os mais diversos preconceitos próprios de cada contexto histórico social são relevantes para a discussão hermenêutica em Gadamer, bem como a questão das relações entre os partícipes de uma dada vida em comum.

A perspectiva da hermenêutica gadameriana conduz a uma constante abertura ao diálogo com o outro, nesta prática intersubjetiva que se dá levando em conta os aspectos históricos e sociais aos quais somos pertencentes. É a partir desta relação entre preconceitos, pertença e tradição que veremos no próximo tópico a questão do conceito de aplicação como este modo de abertura na hermenêutica, de modo a complementar o tópico aqui explorado.

2. A aplicação como modo de abertura na hermenêutica

Após compreendermos, no tópico anterior, sobre a real importância do conceito de *pertença* na visão gadameriana como uma mediação entre hermenêutica e razão prática, agora cabe discutirmos a respeito de um conceito que está intrinsecamente relacionado ao de *pertença*, que é o conceito de *aplicação*. Entraremos nesta reflexão a partir de aspectos propriamente históricos que este tem em relação ao seu uso na questão da hermenêutica.

Antes do pós-romantismo a velha tradição hermenêutica estava subdividida em três aspectos: compreensão, interpretação e aplicação, de modo que estes “três momentos deviam perfazer o modo de realização da compreensão”¹³. Entretanto, o problema da hermenêutica acaba recebendo ao longo do tempo um significado que antes não tinha, a saber, sistemático, através do romantismo, do reconhecimento da unidade entre compreensão e interpretação. Assim como também a linguagem e a conceptualidade da interpretação foram tomados como componentes estruturais internos da compreensão, de modo que a linguagem se tornou aspecto central nas discussões filosóficas. Porém, na relação entre compreensão e interpretação, enquanto partes complementares uma da outra, a aplicação foi sendo deixada de lado no contexto da hermenêutica. Como menciona Gadamer (2008), ao analisar esta situação,

Nisso nossas considerações nos forçam a admitir que, na compreensão, sempre ocorre algo como uma aplicação do texto a

¹² PORTOCARRERO SILVA, 1995, p. 3.

¹³ GADAMER, 2008, p. 459.

ser compreendido, à situação atual do intérprete. Neste sentido nos vemos obrigados a dar um passo mais além da hermenêutica romântica, considerando como um processo unitário não somente a compreensão e interpretação, mas também a aplicação.¹⁴

Assim, cabe observar que Gadamer, de certo modo, resgata à hermenêutica a importância essencial que deve ter o momento da aplicação, uma vez que pode ser equiparado aos outros dois momentos, a compreensão e a interpretação. Ainda deve ser mencionado que a partir do que foi citado acima há por parte de nosso hermenêuta uma preocupação especial com a noção de aplicação no sentido de ultrapassar a visão pós-romântica que não mais considerava a aplicação como um elemento de grande utilidade na hermenêutica, cabendo inserir em um mesmo processo a compreensão, a interpretação e a aplicação. Com isto, segundo Gadamer, se torna possível a totalidade compreensiva de determinado texto ou contexto situacional em que caiba a reflexão hermenêutica.

Neste sentido, observa Gadamer, se a tentativa de compreensão por parte do intérprete se retiver apenas e somente aos elementos da compreensão e da interpretação ocasionaria uma mera reprodução do que o interlocutor diria, como era feita no aspecto teológico com as questões de interpretação das Sagradas Escrituras. Como argumenta Gadamer (2008), “ainda hoje em dia o trabalho do intérprete não é simplesmente reproduzir o que realmente diz o interlocutor, ao qual ele interpreta, mas ele tem de fazer valer a opinião daquele assim como lhe parece necessário, tendo em conta como é autenticamente a situação dialogal”¹⁵, isto ao se referir ao trabalho do tradutor no momento em que somente ele seja o conhecedor das duas línguas em pauta.

Cabe observar que o momento da aplicação hermenêutica gadameriana leva em consideração os elementos da tradição, bem como seu sentido histórico e contextual pertencente ao próprio intérprete, bem como de seu interlocutor. Desta maneira, estão implícitas as noções dos preconceitos, anteriormente vistos na questão da pertença, que se tornam essenciais para que aconteça a real compreensão através da necessidade de existência da abertura ao diálogo entre todos estes elementos, pois como afirma Gadamer (2008), “somos, antes, capazes de nos abrir à pretensão excelsa de um texto e corresponder compreensivamente ao significado com o qual nos fala”¹⁶, nesta interconexão entre cada um destes aspectos. Assim, a compreensão se mostra como “um processo que tem como pressuposição o estar dentro de um acontecer tradicional”¹⁷, de modo que não devem ser deixados de lado a relevância dos aspectos histórico-sociais, bem como a tradição e a pertença a um determinado contexto com seus preconceitos adquiridos na coletividade.

Como Gadamer é um filósofo que bebe das fontes teóricas de Aristóteles, aqui, no aspecto da aplicação e sua racionalidade hermenêutica, não seria diferente, tendo em vista que, embora este não aborde a hermenêutica enquanto problema e nem mesmo sua dimensão histórica, “trata somente da apreciação correta do papel

¹⁴ GADAMER, 2008, p. 460.

¹⁵ GADAMER, 2008, p. 460.

¹⁶ GADAMER, 2008, p. 464.

¹⁷ GADAMER, 2008, p. 462.

que a razão deve desempenhar na atuação ética”¹⁸, isto já se mostra como componente chave para a abordagem gadameriana de sua atualização. A *phronesis* aristotélica, tomada como referência para o modelo de filosofia prática gadameriana é embasada na dimensão ética de tomada de decisões prudentes, pois “a tarefa da decisão ética é encontrar o que é adequado na situação concreta, isto é, ver concretamente o que nela é correto e lançar-se a ela”¹⁹, aqui visando o bem comum, que se busca comparar ao elemento da aplicação na compreensão. Pode-se afirmar, então, que é preciso que a ética possa ser acomodada à natureza humana e sua razão enquanto pertencente à dimensão histórica, de modo que Gadamer “se volta para a ética de Aristóteles e para a distinção que faz entre uma razão teórica que se agarra a princípios universais e uma razão prática preocupada com a ação humana”²⁰.

Neste sentido, a aplicação se torna este elemento portador de abertura na questão hermenêutica para a consideração dos aspectos históricos aos quais o ser humano é pertencente, pois estes servem de suporte à autêntica compreensão do ser humano a partir de toda uma tradição implícita em sua vida. Frente a isto, como afirma Dallmayr (2009), com relação ao conceito de hermenêutica e sua aplicação nas questões relacionadas à própria vida humana em sua dimensão social, a mesma “não é, e nunca foi, uma teoria puramente abstrata, mas está intimamente ligada à experiência vivida e à conduta humana. Esta ligação foi intensificada nos últimos tempos com a mudança da metodologia para a ontologia”²¹, de modo que, conseqüentemente, o entendimento passou a ser visto como fazendo parte integradora da própria vida humana enquanto pertencente a um mundo, ou seja, como ser-no-mundo.

Esta visão ontológica da aplicação entendida como uma forma de conduta prática da hermenêutica pode ser observada mais precisamente a partir da herança heideggeriana em Gadamer, ao estabelecer uma nova forma de compreender a hermenêutica atualmente. Isto por que ao se voltar ao ser, como pode ser notado em relação com a vida, existe em Gadamer a conotação da relação entre hermenêutica e a práxis, englobando assim a todas as dimensões da vida humana, como na reabilitação da práxis aristotélica, uma vez que “a práxis denota o modo de conduta dos seres vivos no sentido mais amplo”²².

A hermenêutica gadameriana tem esta real importância de se tornar abertura a toda uma compreensão a partir da própria realidade contextual que engloba não apenas aspectos de interpretações abstratos, como historicamente havia sido considerada, mas como este elemento que, interligada à compreensão e interpretação, pode ser norteadora das formas autênticas de compreensão da realidade humana em seu contexto histórico e levando em conta a vida humana em comum com suas mais diversas problemáticas. Como afirma Batista (2007), “será em grande medida, com base no conceito de aplicação que Gadamer irá reivindicar para a hermenêutica um caráter eminentemente prático. Funda-se neste conceito a

¹⁸ GADAMER, 2008, p. 465.

¹⁹ GADAMER, 2008, p. 471.

²⁰ WARNKE, 2002, p. 81.

²¹ DALLMAYR, 2009, p. 28.

²² DALLMAYR, 2009, p. 31.

pretensa afinidade da hermenêutica com a filosofia prática de Aristóteles”²³. Daí o sentido prático da própria aplicação ser também constituinte de compreensão aberta à dimensão prática da hermenêutica. Desta maneira, neste lançar-se na história enquanto forma de compreensão constante da própria vida humana, no próximo tópico será trabalhada a dimensão da fusão de horizontes enquanto interpretação e crítica do próprio horizonte, tendo em vista que a compreensão histórica do ser humano é sempre determinada pela consciência histórico-efetual.

3. A fusão de horizontes enquanto interpretação e crítica do próprio horizonte

Depois de termos discorrido sobre a questão do problema hermenêutico da *aplicação* enquanto este momento de abertura compreensiva e interpretativa da prática da vida humana, levando em consideração os mais diversos aspectos que envolvem a história de vida dos homens, agora compete nos determos na noção de fusão de horizontes. Esta sendo tomada como um dos principais conceitos desenvolvidos pela filosofia de Gadamer em sua perspectiva de práxis hermenêutica. Neste sentido, como menciona Gadamer (2008), “quando procuramos compreender um fenômeno histórico a partir da distância histórica que determina nossa situação hermenêutica como um todo, encontramos sempre sob os efeitos dessa história efetual”²⁴.

Gadamer inicia sua discussão a respeito da questão da fusão de horizontes a partir desta noção de história efetual, a qual pode ser tomada como de elevada importância no que concerne à resistência ao fato de se querer tomar como verdade os fenômenos imediatos. Isto por que para a real compreensão das diversas situações submetidas à análise da hermenêutica deve-se sempre levar em consideração os elementos da própria história, bem como seus efeitos na vida humana para além da imediatez da interpretação, que não consegue dar conta de modo claro da pretensão de verdade baseada apenas no aspecto estático da história. Nas palavras de Gadamer, isto se daria devido ao ocultamento feito com relação à junção efetual-histórico, pois “o objetivismo histórico, na medida em que apela para o seu método crítico, oculta o entrelaçamento efetual-histórico em que se encontra a consciência histórica”²⁵. Fica claro que Gadamer pretende que se possa reconhecer melhor os efeitos que estão por trás de toda compreensão, como essencialmente os efeitos da própria história efetual, que não devem ser marginalizados no processo de compreensão, para que não se tenha conseqüentemente uma possível deformação do conhecimento.

Daí a importância de que não se deve, de maneira alguma, negar a história efetual no modo de compreensão hermenêutica, pois na tentativa de compreensão de qualquer aspecto que esteja diretamente ligado ao passado pressupõe uma especificidade de tratamento a considerar sempre os diversos elementos históricos nele contidos. Para ilustrar esta importância que Gadamer ressalta ao aspecto histórico efetual frente à possibilidade de entendimento, explica Georgia Warnke (2002):

²³ BATISTA, 2007, p. 39.

²⁴ GADAMER, 2008, p. 449.

²⁵ GADAMER, 2008, p. 450.

Quando tentamos entender nós mesmos, nosso passado e nosso futuro, fazemos isso de uma certa posição temporal. Além disso, fazemos isso de uma posição temporal efetuada por uma história que reflete entendimentos diferentes do nosso. As narrativas em que estamos envolvidos e que temos que entender de um jeito ou de outro, não apenas continua enquanto tentamos entendê-los, mas também eles continuam como uma confluência e até mesmo conflito de diferentes interpretações a respeito de diferentes narrativas ²⁶.

A partir da citação acima apresentada é possível notar que a compreensão hermenêutica se dá considerando, necessariamente, aspectos ligados a acontecimentos históricos situados em determinada posição temporal. Esta compreensão acaba se fundindo nas mais diferentes interpretações, uma vez que estão em jogo convergências e divergências próprias de narrativas que emergem do próprio contexto situacional a ser entendido.

Assim, percebe-se, que existem diferentes perspectivas históricas com suas próprias peculiaridades nas quais o ser humano se encontra inserido, observando que “como seres históricos, encontramos nós mesmos em tradições históricas e culturais que nos transmitem as projeções ou hipóteses, os preconceitos, na terminologia de Gadamer, em termos dos quais nos aproximamos deles” ²⁷, e como acrescenta o próprio Gadamer (2008) com referência a esta pertença humana à própria história, “ser histórico quer dizer não se esgotar nunca ao saber-se” ²⁸, pois este é sempre precedido de determinados dados históricos, de modo que nosso entendimento acaba sendo orientado pela história de influências daquilo que estejamos tentando compreender, embora sejamos limitados quanto ao conhecer em sua totalidade como condição humana.

Quanto a importância que é dada por parte de Heidegger e Gadamer à nova forma de compreensão da realidade é possível perceber este repúdio ao conceito tradicional que existia sobre a *verdade*²⁹ ao longo da história da filosofia, especialmente no que concerne ao período da modernidade com os pensadores iluministas que atrelavam a ela sentidos meramente representativos, tais como correspondência, certeza, ou mesmo adequação. Aqui se dá então, o diferencial de uma compreensão da verdade em seu aspecto ontológico-existencial em Gadamer e Heidegger, de modo que esta nova dimensão da verdade elimina certas problemáticas existentes no que se refere aos problemas gnosiológicos do historicismo, onde se tinha em consideração a limitação da verdade por parte de um possível relativismo histórico.

²⁶ WARNKE, 2002, p. 81.

²⁷ WARNKE, 2002, pp. 80 - 81.

²⁸ GADAMER, 2008, p. 451.

²⁹ Quanto a este termo, originário do grego *Aletheia*, na interpretação de Heidegger tem uma elevada importância na discussão histórica sobre o que pode ser tomado como válido no conhecimento da realidade, visto que como ele afirma: “A *aletheia* antecipou a história da filosofia, mas a fez de maneira que se subtrai à determinabilidade filosófica enquanto aquilo que exige sua discussão pelo pensamento. A *aletheia* é o impensado digno de ser pensado, a coisa do pensamento [...] libertado da referência da representação da ‘verdade’ no sentido da correção e do ser, no sentido da realidade efetiva, uma referência trazida pela metafísica”, (HEIDEGGER, Martin. **Marcas do caminho**. Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein; revisão de tradução de Marcos Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 452).

No que tange ao conceito de *situação* hermenêutica, o mesmo direciona para o que é tomado como conceito de horizonte. Este, entendido por Gadamer, como “o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que é visível a partir de um determinado ponto. Aplicando-se à consciência pensante falamos então da estreiteza do horizonte, da possibilidade de ampliar o horizonte, da abertura de novos horizontes etc”³⁰.

Com este contexto exposto até aqui é que pode ser melhor esclarecido o conceito gadameriano de *fusão de horizontes*, “expressão cunhada por H.-G. Gadamer para caracterizar, contra a ideia romântica e historicista de uma distância rígida entre o horizonte do passado e o do intérprete, o nexo de compreensão e efectuação que caracteriza o procedimento hermenêutico”³¹. Na hermenêutica gadameriana se dá grande destaque à observação de que cada contexto histórico tratado na dimensão de compreensão deve preservar o seu próprio horizonte, de modo que este entendimento a respeito de tal texto ou situação do passado leve em conta, por parte do intérprete, este deslocar-se ao horizonte histórico que se quer compreender com suas devidas narrativas de sua tradição. Como afirma Georgia Warnke (2002), “nós projetamos nossos preconceitos de volta à nossa história do ponto de vista de como essa história se desenvolveu e como prevemos que continuará a se desdobrar. Por isso, o que entendemos muda”³². Isto de maneira que não sejam impostos à forma compreensiva de determinado horizonte histórico os preconceitos e padrões contemporâneos, se é que se queira bem entender aquele horizonte.

Assim, a discussão a respeito da fusão de horizontes na perspectiva gadameriana acaba delineando margens éticas e políticas enquanto formas de lidar com a alteridade histórica, bem como com a dimensão de abertura de horizontes neste constante diálogo histórico em que há esta necessidade de uma consciência que leve em consideração a cada elemento constitutivo da autêntica compreensão hermenêutica da realidade, tais como a tradição e valores históricos presentes na realidade sócio-histórica do ser humano.

Neste sentido, na constante relação entre os elementos fundamentais de uma autêntica compreensão, há em Gadamer esta abertura ao diálogo enquanto estratégia de melhor compreender o outro. Aspecto este que será explicitado no próximo tópico, de modo que possa ser melhor entendido o percurso condutor à prática da ação solidária por parte dos cidadãos pertencentes à comunidade política.

4. O diálogo como estratégia de compreensão do outro

Gadamer (2002) dá uma maior importância ao diálogo como “fundamentação de nossa orientação no mundo pelo elemento da linguagem”³³, uma vez que pelo diálogo é que se pode criar vínculos com os demais com quem convivemos em nossa coletividade, em busca de uma melhor compreensão de uns para com os outros. Gadamer argumenta que a compreensão recíproca só pode ocorrer à medida em que se entende algo, pois ao aproximarmos de algo pelo diálogo, “nós

³⁰ GADAMER, 2008, p. 452.

³¹ PORTOCARRERO SILVA, 2010, p. 18.

³² WARNKE, 2002, p. 81.

³³ GADAMER, 2002, 17.

começamos a compreender, mesmo que não saibamos, para onde isso conduz”³⁴, dado que fazemos parte de um determinado contexto histórico e cultural, tendo por consequência a “fusão do horizonte do presente com o horizonte do passado”³⁵.

Daí a necessidade de uma hermenêutica como filosofia prática que nos propõe uma identidade, uma vez que na contemporaneidade se torna um risco à mesma a homogeneização da cidadania. Neste sentido, interpretação e crítica ao longo do próprio horizonte tornam possível o autoreconhecimento sem exclusão das diferenças, sendo possível uma consciência de cidadania que seja aberta ao outro. Como afirma Grondin (1999), “no encontro com pessoas que pensam diferentemente, podendo habitar em nós mesmos, podemos esperar chegar além da limitação de nossos eventuais horizontes”³⁶.

Para Gadamer, ser cidadãos de dois mundos refere-se ao estar abertos ao outro pela pertença a um mundo cultural. Abertura esta associada ao conceito de aplicação, bem como ao de diálogo e fusão de horizontes, que podem proporcionar uma reconstrução do outro que seja respeitado em sua diferença. Desta maneira, Gadamer almeja contribuir para que a comunidade política possa ser este espaço de abertura ao diálogo solidário entre as tradições e culturas diversas.

Quanto a esta forma de solidariedade a que Gadamer se refere, a mesma se daria através do comprometimento dos indivíduos em uma convivência social na qual se exige de todas as pessoas a boa vontade que possa ser adquirida e, como também argumenta Axel Honneth (2009), “cada um é igual ao outro justamente aí, onde está oposto a ele”³⁷. Neste sentido, relacionando estes pensadores, pode-se afirmar que para Gadamer, aqui se irrompe uma nova forma de compreender a realidade histórica, uma vez que a questão do outro se mostra de modo central nesta forma de interpretar os fenômenos.

Gadamer defende o diálogo aberto como uma tolerância que tem a capacidade de possibilitar o reconhecimento recíproco dos interlocutores no que concerne a conduzir às pretensões de validade, de maneira a permitir o autorreconhecimento e até mesmo a construção do tu, ou seja, da própria identidade dos indivíduos enquanto cidadãos que se reconhecem na alteridade de iguais direitos. Isto por que, através do diálogo, podemos ser tomados como história uma da humanidade, sendo, então, “um diálogo e podemos ouvir uns aos outros”³⁸, uma vez que na medida em que mais se conheça as culturas e tradições dos povos em seus diversos períodos históricos, mais é possível que surja abertura ao diálogo.

Ao observar que se tornam necessárias no estabelecimento de um diálogo condições prévias para que o mesmo possa acontecer por parte dos seus participantes, o próprio Gadamer (2002) menciona que “a recusa ao diálogo ou a interrupção de uma tentativa de diálogo com a frase ‘contigo não dá pra conversar’ significa uma situação na qual o entendimento comunicativo está tão perturbado que nada podemos esperar dele”³⁹, havendo assim, o fechamento de um para com o

³⁴ GADAMER, 2007, p. 110.

³⁵ GADAMER, 2002, p. 70.

³⁶ GRONDIN, 1999, p. 207.

³⁷ HONNETH, 2009, p. 77.

³⁸ GADAMER, 2001, p. 09.

³⁹ GADAMER, 2002, p. 311.

outro na negativa de possibilidade da existência de diálogo. Entretanto, a hermenêutica gadameriana faz este constante apelo para que se escute sempre o outro, pois quem faz isto se abre ao horizonte do outro, assim como “entre povos ou entre círculos culturais e comunidades religiosas [...]: devemos aprender que escutando o outro se abre o verdadeiro caminho em que se forma a solidariedade”⁴⁰. Cabe destacar que esta última é estreitamente ligada à amizade pelos laços que são construídos a partir do diálogo, bem como do conhecimento de aspectos que nos ligam uns aos outros na vida comum. Nas palavras de Darren Walhof (2017):

O núcleo de uma política de solidariedade é uma disposição que nos empurra para interações entre si que permitem a divulgação daquelas coisas que nos ligam um ao outro. Claro, buscando o que é comum entre nós desta forma pode ser difícil e frustrante, e nós muitas vezes não estejamos inclinados a tal disposição; é algo que deve, de alguma forma, ser engendrado em nós, em parte através do reconhecimento desta abertura em nossas amizades⁴¹.

Neste sentido, a amizade pode ser tomada como uma “percepção recíproca”⁴², onde se observa o conhecimento de determinadas características comuns nos amigos, embora muitas vezes haja certa indisposição frente a esta empreitada do dar-se a conhecer. Assim, se torna necessário que se crie esta própria disposição de abertura ao outro pelo diálogo, de maneira que se possa engendrar em nós mesmos esta tentativa de reconhecer até mesmo que é preciso ter este respeito pelo outro, enquanto possibilidade de abertura à aceitação de estarmos errados em nossos pontos de vista colocados em jogo no diálogo. Neste sentido, a dimensão política da solidariedade proposta nas obras de Gadamer é entendida como “abordagem a um aspecto da política democrática [...] que ajuda-nos a mover para além do que estamos principalmente ligados, ou seja, ‘como nós’”⁴³. Com isto, podemos afirmar que na vivência prática, para se fazer as devidas escolhas deliberadas para o bem, é necessário levar em conta os entendimentos compartilhados, bem como as normas e convicções que já estão implícitas em nossa vida em conjunto.

Pode ser ressaltado que, na visão de Walhof (2017) “as solidariedades de Gadamer destacam coisas que unem as pessoas umas às outras em momentos históricos particulares, contextos culturais e sociais específicos”⁴⁴, uma vez que as abordagens sobre as solidariedades são relacionadas especificamente a uma distinta política de reconhecimento, de modo que esta pode trazer aquelas à nossa consciência. No entanto, cabe destacar que frente à amizade, deve ser colocada também a questão da alteridade, ou seja, do outro na dimensão política de Gadamer, uma vez que, como afirma Walhof (2017), “ainda é frequente presumir

⁴⁰ GADAMER, 1993, p. 347.

⁴¹ WALHOF, 2017, p. 125.

⁴² GADAMER, 1999, 139.

⁴³ WALHOF, 2006, p. 586.

⁴⁴ WALHOF, 2017, p. 111 – 112.

que a abordagem de Gadamer suprime a diferença e, com isso, potencialmente distorce suas ideias sobre amizade e solidariedade”⁴⁵.

Considerações finais

Pode-se dizer, então, que para a real efetivação da compreensão é indispensável a presença do outro, tendo em vista que a fusão que produz uma coisa nova não pode ganhar espaço sem o outro que está diante de nós e por cuja presença nossos preconceitos são chamados, colocados em prática e constantemente revisados, podendo, então, transformar-se. Com isto, a noção de diálogo da qual Gadamer parte é a de que o mesmo deixa no outro uma marca, observando que um verdadeiro diálogo se dá à medida em que não seja visto simplesmente como o ter experimentado algo de novo.

Deste modo, como mencionado por Gadamer acima, é no verdadeiro diálogo que acontece esta constante transformação de horizontes individuais, uma vez que rompe-se, pela abertura de um para com o outro no dispor-se à conversação, com a mera introspecção dos sujeitos, a ponto de ser comparado à dimensão da amizade. Nesta, os seres humanos podem dar-se a compreender até mesmo no simples gesto de rir juntos, conotando este entendimento que transborda e, assim, nesta sintonia, construir um tipo de comunhão na qual se preservam as identidades de um e do outro, pois neste encontro com o outro se tem o encontrar-se consigo mesmo no outro. Com isto, se vê que o diálogo acaba proporcionando aspectos de elevada importância para a vida comum, tais como a compreensão e o acordo, que são fundamentais para a realização da vida social, de modo que o esquema do diálogo, quando bem empregado, torna-se fecundo: de modo que a partir do intercâmbio das forças e no confronto dos pontos de vista é que pode acontecer a construção do sentido de uma comunidade que ultrapassa o indivíduo e o grupo ao qual este pertence.

A filosofia hermenêutica de Gadamer, enquanto prática, é tomada como uma filosofia de cunho moral, não tendo ligação apenas com sua necessidade momentânea, mas permitindo o diálogo entre os diferentes e estranhos em modo contínuo e fecundo. Assim, não se restringe apenas aos mais próximos e comuns às nossas afinidades, mas tem esta capacidade de nos possibilitar a autocompreensão como cidadãos originários de tradições plurais nas quais estamos inseridos, sendo partícipes de uma multiplicidade de experiências que possibilitam o reconhecimento e compreensão do outro através do diálogo, onde se dão a conhecer um ao outro nesta relação constante de ouvir e falar, nesta relação mútua de unidade “que cria comunicação entre os homens e constrói a solidariedade”⁴⁶.

O conceito de aplicação na hermenêutica gadameriana tem real importância no sentido de se tornar abertura a toda uma compreensão a partir da própria realidade contextual que engloba não apenas aspectos de interpretações abstratos, como historicamente havia sido considerada, mas como este elemento que, interligada à compreensão e interpretação, pode ser norteador das formas autênticas de compreensão da realidade humana em seu contexto histórico e levando em conta a vida humana em comum com suas mais diversas problemáticas.

⁴⁵ WALHOF, 2017, p. 105.

⁴⁶ GADAMER, 2002, p. 98.

É com base no conceito de aplicação que se pode fazer a reivindicação de uma hermenêutica que contém em seu desenvolvimento o aspecto da *práxis* aristotélica, especialmente com relação à dimensão política no sentido de convivência humana em comum. Com isto, podemos ver que a hermenêutica, enquanto *práxis*, permeia elementos que nos conduzem à busca da prática de ações solidárias em nossa convivência com os demais em um dado contexto.

* * *

Referências:

- BATISTA, G. S. **Hermenêutica e Práxis em Gadamer**. Rio de Janeiro, 2007. 96 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ), Rio de Janeiro, 2007.
- DALLMAYR, Fred. *Hermeneutics and inter-cultural dialogue: linking theory and practice*. **Ethics & Global Politics**. Vol. 2, Nº 1, 2009. p.23-39.
- DUQUE–ESTRADA, Paulo. C. *Limites da Herança Heideggeriana: a Práxis na Hermenêutica de Gadamer*. **Revista Portuguesa de Filosofia**. Lisboa, v. 56, p. 509-520, 2000.
- GADAMER, Hans-Georg. *Entre fenomenologia e dialética – Tentativa de uma autocrítica (1985)*. In: **Verdade e Método II: Complementos e Índices**. Trad. Marcia Sá Cavalcante-Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 09-34.
- _____. **Hermeneutics, Religion, and Ethics**. Trans. Joel Weinsheimer. New Haven: Yale University Press, 1999.
- _____. **Elogio de la Teoría: Discursos y artículos**. Traduzido por Anna Poca. Barcelona: Ediciones Península, 1993.
- _____. **Gadamer in Conversation**. Ed. Richard E. Palmer. New Haven: Yale University Press, 2001.
- _____. *No rastro da hermenêutica (1994)*. In: **Hermenêutica em Retrospectiva: a virada hermenêutica**. Tradução de Marco Antonio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 99-138.
- _____. **Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Trad. Flávio Paulo Meurer. 10. ed. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2008.
- GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica**. Traduzido por Benno Dischinger. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.
- HONNETH, A. **Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PORTOCARRERO SILVA, Maria Luísa. *Da “fusão de horizontes” ao “conflito de interpretações”: a hermenêutica entre H.-G. Gadamer e P. Ricoeur*. **Revista Filosófica de Coimbra**. V. 1, pp.127-153, (1992). Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/da_fusao_horizontes> Acesso em: 15 jan. – 2018.

_____. **O Preconceito em Gadamer: Sentido de uma Reabilitação**, Lisboa, FCG/ JNICT, 1995.

_____. **Conceitos fundamentais de Hermenêutica Filosófica**. Universidade de Coimbra, pp. 1-52, Coimbra, 2010.

WALHOF, Darren R. *Friendship, Otherness and Gadamer's Politics of Solidarity*. **Political Theory**, vol. 34, 5: pp. 569-593., First Published Oct 1, 2006. Disponível em:

<<http://journals.sagepub.com/action/doSearch?AllField=Friendship%2C+Otherness%2C+and+Gadamer%E2%80%99s+Politics+of+Solidarity>> Acesso em: 17 nov.- 2017.

_____. **The Democratic Theory of Hans-Georg Gadamer**, Palgrave Macmillan; Grand Rapids, 2017.

WARNKE, Georgia. *Hermenutics, ethics, and politics*. In: DOSTAL, Robert J. **The Cambridge Companion to Gadamer**. Cambridge University Press. Pennsylvânia, 2002, pp. 79 - 125.

WU, Roberto. *A experiência como recuperação do sentido da tradição em Benjamin e Gadamer*. **Revista Anos 90**, v. 11, n. 19/20, p. 169-198, jan./dez. - 2004.